

O ENSINO DA MÚSICA NA ESCOLA: DESAFIOS PARA O PROFESSOR DE ARTE

Doraci Modesto de Pinho Araujo¹

Jean Carlos Moreno²

RESUMO: Este artigo trata do ensino da música na escola como desafio para o professor de arte. De que forma trabalhar os conteúdos da música sem vinculá-los às especificidades técnicas que exigiriam uma formação específica na área? A pesquisa realizada foi de abordagem qualitativa (realização de questionário) e o método escolhido foi o dialético. Esse projeto foi desenvolvido através do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) da Secretaria de Estado da Educação do Paraná em parceria com a Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP, que resultou na produção de um Caderno Pedagógico. Uma das partes que compõe esse material didático-pedagógico foi aplicada numa turma de 5ª série do Colégio Estadual Antonio Carlos Gomes do município de Nova Santa Bárbara, pertencente ao Núcleo Regional de Educação (NRE) de Cornélio Procópio – PR. O artigo relata a pesquisa feita aos professores de Arte dos NRE de Cornélio Procópio e Jacarezinho, apresenta os resultados da revisão de literatura sobre a importância e benefício que a música traz para o desenvolvimento do ser humano. Explana, também, sobre a intervenção pedagógica juntos aos alunos com metodologias e atividades práticas para o ensino da música não vinculado a técnica propriamente dita, buscando a melhoria na construção da aprendizagem rumo a uma sensibilização musical. E conclui com a observação dos resultados obtidos e a indicação de futuras pesquisas complementares.

Palavras-Chave: Educação musical. Ensino-aprendizagem. Arte.

ABSTRACT: *This article deals with the teaching of music in school as a challenge to the art teacher. How to work the contents of the music without linking them to specific techniques that require specific training in the area? The research was qualitative approach (creating a questionnaire) and the method chosen was the dialectic. This project was developed by the Educational Development Program (EDP) of Paraná Bureau of Education in partnership with the State University of Northern Parana - UENP, which resulted in the production of a Pedagogical Book. In which one party make up this teaching materials was applied to a class of 5th grade State College Antonio Carlos Gomes of the city of New Santa Barbara, belonging to the Regional Education Center (NRE) from Cornelio Procopio - PR. The article reports the questioning of art teachers of the Jacarezinho and Cornélio Procópio NRE, presents the results of the literature review on the importance and benefits that music brings to human improvement. Explains that the educational intervention between students and methods and practical activities for teaching music is not linked to the technique itself, aiming to improve the learning construction towards an awareness of music. It concludes with the observation of the results and an indication of future research.*

Keywords: Music Education. Teaching and Learning. Art.

¹ Professora de Arte da Rede Pública do Estado do Paraná, Especialização em Artes: Educação Artística Aplicada/Faculdade de Educação São Luis (SP) e Especialista em Gestão Escolar: Administração, Supervisão e Orientação Educacional/ FAFICOP(PR). E-mail doransb@seed.pr.gov.br

² Professor de Didática e Metodologia do Ensino de História do Departamento de História da UENP. Doutorando em História Social. (UNESP), Mestre em História e Historiografia da Educação (UFPR) e Especialista em Linguagens, Imagens e Ensino de História (UFPR). E-mail jeanmoreno@uenp.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma pesquisa que procurou investigar formas alternativas e significativas para trabalhar os conteúdos da música, sem precisar vinculá-los às especificidades técnicas que exigiriam uma formação específica na área. Acredita-se que um dos maiores desafios do professor de Arte da rede Pública do Estado do Paraná é a condução do ensino da música. O não-especialista sente muita dificuldade em desenvolver um trabalho mais aprofundado nessa área, já que, em sua graduação de Educação Artística, não teve a formação necessária e nem básica para poder conduzir a música na escola de forma relevante.

Assim sendo, o objetivo norteador da pesquisa foi encontrar novas formas de realizar trabalhos teórico-práticos voltados à educação musical que contemplem, principalmente, a formação dos sentidos e da percepção das estruturas e organização dos elementos sonoro-musicais. Propõe-se, então, ao professor não-especialista, estratégias alternativas no ensino da Música, sem a intenção e preocupação de desenvolver as técnicas do ensino tradicional da música ocidental.

Segundo a concepção de *Jeandot* “[...] Uma aprendizagem voltada apenas para os aspectos técnicos da música é inútil e até prejudicial, se ela não despertar o senso musical, não desenvolver a sensibilidade” (2008, p.21).

Para a confirmação das hipóteses levantadas a respeito das dificuldades que o professor de Arte não-especialista em música se depara, foram distribuídos questionários para vários docentes de diferentes municípios dos Núcleos Regionais de Educação (NRE) de Cornélio Procópio e Jacarezinho.

O texto apresenta a análise dos questionários e uma explanação sobre a formação dos professores da área. E, para se saber se os futuros professores de Arte estão recebendo algum tipo de conhecimento relacionado à Música em sua formação atual, busca-se conhecer as matrizes curriculares das Instituições Estaduais de Ensino Superior do Estado do Paraná, que oferecem o curso de Arte em sua graduação.

Procura-se também, fazer uma comparação entre os conteúdos de música dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as Diretrizes Curriculares de Arte (DCA) para a Educação Básica do Estado do Paraná, e os prováveis motivos da não implementação total dos PCN em muitas escolas. Busca-se através de uma revisão

de literatura conhecer as propostas dos autores sobre as possibilidades do não-especialista trabalhar a música sem ater-se aos conhecimentos técnicos da mesma, saber os benefícios, contribuição e importância da música e de sua presença na escola. Procura-se entender, também, a relação da indústria cultural com a música e sua influência na escolha musical de nossos jovens.

O texto ainda apresenta a descrição fundamentada da proposta prática de atividades musicais para uma turma de 5ª (quinta) série e o relato da implementação pedagógica para essa turma, o desenvolvimento do trabalho a reação dos alunos os acertos e desacertos da implementação.

A intervenção na escola junto aos alunos foi orientada pelos campos conceituais do conhecimento estético e da produção artística, fundamentada nas concepções das teorias críticas de Arte, elucidadas por Vasquez (1978) - arte como conhecimento, arte como ideologia e arte como trabalho criador e, que nortearam e organizaram a metodologia, seleção dos conteúdos e a avaliação.

2 OS PROFESSORES DE ARTE E O ENSINO DA MÚSICA

Foi realizada uma investigação inicial junto a professores de Arte no segundo semestre do ano de 2008. Distribuímos questionários aos professores dos Núcleos Regionais de Educação (NRE) de Cornélio Procópio e Jacarezinho. Os questionários eram compostos de cinco questões abertas e uma fechada

Você domina todos os conteúdos estruturantes da Música propostos nas Diretrizes Curriculares de Arte do Estado do Paraná? Justifique.

Que metodologia em educação musical utiliza para desenvolver os trabalhos em suas aulas? Explique.

Que critério adota na seleção, organização dos repertórios e materiais, para utilização em suas aulas de música?

Ao longo de sua vida escolar recebeu algum tipo de formação musical? Quando?

Em sua opinião tocar um instrumento, cantar e fazer música é para quem:

possui um dom e habilidade para música

todos podem aprender através da educação musical

Já enfrentou algum tipo de dificuldade para trabalhar a música? Justifique.

Dos dezessete questionários aplicados, somente 14(quatorze) foram devolvidos. O alvo foram os professores de Arte não-especialistas em música, do segundo segmento (5^a a 8^a) séries do Ensino Fundamental, das escolas estaduais dos municípios de São Jerônimo da Serra, Santa Cecília do Pavão, São Sebastião da Amoreira, Santo Antonio do Paraíso, Assai, Uraí, Cornélio Procópio, Bandeirantes e Jacarezinho, municípios esses pertencentes às microrregiões de Assai, Cornélio Procópio e Jacarezinho, da mesorregião Norte Pioneiro Paranaense.

Após análise dos questionários, constatou-se que os professores não dominam todos os conteúdos estruturantes listados nas DCA do Paraná. Alguns alegaram não ter formação específica na área. Outros disseram que dominam na teoria os conteúdos mais básicos, mas não dominam na prática. Contudo a maioria trabalha alguns dos conteúdos de música e somente um professor dos 14(quatorze) consultados não aborda a música em sala de aula.

Em relação à questão sobre a metodologia empregada para se trabalhar a educação musical, obteve-se respostas variadas. Os professores desenvolvem ações como, apreciação de vários gêneros musicais, apresentação dos diferentes tipos de instrumentos musicais, pesquisa sobre músicos de vários períodos, pesquisa sobre os sons do cotidiano, análise sobre os elementos formais da música e história da música. Duas professoras disseram contar com o auxílio dos alunos que sabem música e, uma trabalha com confecção de instrumentos utilizando materiais reciclados para exploração do som.

A parte que compõe os encaminhamentos metodológicos de música nas DCA (2008) expõe o quanto é importante a audição dos sons com maior atenção, já que de tal modo, pode-se identificar seus elementos formais. Segundo o documento, é aconselhável trabalhar com os diferentes estilos e gêneros musicais produzidos em diferentes épocas e lugares ao longo da história e também com a construção de instrumentos musicais com diferentes materiais para exploração do som.

Sobre os conteúdos na maioria das respostas os teóricos se sobressaem: história da música, conceitos sobre os elementos formais e estudo dos diferentes estilos e gêneros musicais. Os materiais utilizados mais citados foram o rádio, toca CD, DVD e computador.

As DCA (2008) trazem a importância dos conteúdos disciplinares serem selecionados pelos professores a partir dos conteúdos estruturantes que são os conhecimentos de grande amplitude, conceitos, teoria e prática de sua disciplina. E

não mais, por agentes sociais de fora da escola como aconteceu na década de 1990 onde ocorreu um grande esvaziamento dos conteúdos disciplinares sendo priorizados os temas transversais tão difundidos pelos PCN. Nas DCA esses temas devem ser tratados pelas disciplinas que lhes são afins, de forma contextualizada, articulados com os relativos objetos de estudo dessas disciplinas fundados em seus referenciais teórico-conceituais. Se relacionadas as respostas dos professores com o que sugere as DCA a respeito da seleção dos conteúdos, nota-se a ênfase dada pelos professores à teoria e conceitos e pouca menção sobre a prática. De acordo com as DCA o ensino da arte deve contemplar

[...] três momentos da organização pedagógica:

Teorizar: fundamenta e possibilita ao aluno que perceba e aproprie a obra artística, bem como, desenvolva um trabalho artístico para formar conceitos artísticos

Sentir e perceber: são as formas de apreciação, fruição, leitura e acesso à obra de arte

Trabalho artístico: é a prática criativa, o exercício com os elementos que compõe uma obra de arte (PARANÁ, 2008, p.69 -70).

Nota-se que a prática (trabalho artístico) faz parte dos três momentos do processo ensino-aprendizagem, e os professores consultados priorizam a teoria em detrimento da prática. No livro da professora Lino (2005) é oferecido experiências musicais utilizando o som como matéria prima e o jogo como recurso didático, que podem ser aplicadas por professores não-especialistas. A parte introdutória do livro de Moura; *Boscardin* e *Zagonel* (1989) fornece atividades que facilmente podem ser aplicadas e com um pouco de pesquisa, as atividades que compõem as outras duas partes, também podem ser trabalhadas. E o livro de *Jeandot* (2008) também traz uma série de atividades, todas fundamentadas, embora esses livros sejam voltados para o primeiro segmento do Ensino Fundamental, eles podem ser aproveitados e adaptados para o segundo segmento.

A pesquisa mostra que, mesmo sem ensinar a tocar um instrumento, podem-se proporcionar momentos de experimentação em música através da exploração de objetos não convencionais, da audição ativa e sensível, dos jogos lúdicos, entre outros.

Quanto à questão que trata do contato que tiveram com a música durante sua formação escolar, quatro professoras responderam que nunca obtiveram nenhum conhecimento musical, duas apenas noções básicas de música no Ensino

Fundamental e as demais tiveram contato em um semestre na Universidade, obtendo os conhecimentos mínimos da linguagem musical.

Sabe-se que a construção das DCA foi realizada em parceria com todos os professores, mas há a ciência que, o documento por si só, não irá garantir as transformações das práticas educativas, havendo, deste modo a necessidade de formação continuada constantemente dos professores em serviço. Tais afirmações vêm de encontro com Queiroz e Marinho

[...] o processo de formação é contínuo e [...] não se encerra com a formação profissional adquirida, sobretudo, nos cursos de ensino superior, [...]. Assim, tem-se buscado o aperfeiçoamento de profissionais atuantes no ensino para que estejam constantemente adaptados às exigências e as transformações sociais, políticas e educacionais (2007, p.3).

A resposta à questão relacionada ao dom musical inato para se tocar um instrumento, cantar e compor a resposta foi unânime. Todos acreditam que através da educação musical qualquer pessoa possa aprender e não somente aquelas que têm o dom musical. Percebe-se, em todas as respostas, a consciência de que o mito do dom musical não procede, e a literatura consultada mostra que a música não é um dom extra-sensorial e que todos podem aprender. Segundo *Hentschke*

Grande parte da população acha que para aprender música é preciso ter “dom”, talento. Este senso, quase comum, acaba reforçando a idéia de que fazer música é para poucos privilegiados, contrariando pesquisas e práticas que mostram exatamente o contrário. (Jornal da UFRGS, 2008, p.2, grifo do autor).

Corroborando Loureiro “O preconceito de que é preciso possuir o “dom” inato para se fazer música não precisa mais existir. Qualquer pessoa pode aprender música e se expressar através dela, desde que sejam oferecidas condições necessárias para a sua prática.” (2004, p.66, grifo do autor). E *Snyders* também questiona o dom inato

[...] a música constitui uma das áreas onde é mais comum evocar a noção de dom [...] e o dom aparece logo como uma espécie de característica natural, quase filosófica, imutável e irredutível. [...]. Estudos sociológicos, contudo, desvendaram até que ponto esses dons misteriosos guardam na verdade, uma dependência estreita do meio sócio-cultural onde os alunos crescem. (2008, p.132).

Pela fala do autor, a cultura musical dos alunos dependerá do ambiente em que vivem. Os mais sensíveis irão desenvolver desde pequenos o gosto musical elaborado. *Kebach* comenta sobre sua nova pesquisa relacionada à influência do meio para o desenvolvimento musical

[...] procuro demonstrar o quanto o meio é fundamental para o desenvolvimento musical do sujeito. Busco compreender de que modo os sujeitos cooperam na tarefa de produzir música coletivamente. [...]. Portanto, compreendo a relevância do meio como fator fundamental na construção do conhecimento musical. O meio pode ser desafiante o suficiente, como já afirmei, para possibilitar a mobilização de energias de ação do sujeito sobre o objeto, bem como criar barreiras, engessar, bloquear ou mesmo desestimular o sujeito a construir conhecimento. (2007, p. 43).

Kebach acredita na importância da interação social coletiva, e que o resultado dessa interação contínua entre as pessoas e a realidade que as cerca, proporciona o conhecimento musical. Esse meio pode ser propício ou desestimulador, para a construção do conhecimento musical, por isso, reforça-se a importância do ensino da música na escola, já que é o local oportuno para a socialização da música.

Quanto à questão que aborda as possíveis dificuldades na condução do ensino da música, grande parte dos professores diz enfrentar desafios, devido ao fato de serem formados em Artes Visuais e não possuir o conhecimento necessário para realizar um trabalho mais aprofundado. Alguns disseram que a dificuldade é em relação à prática de instrumentos musicais. Uma professora respondeu que é necessário ter muita cautela para desenvolver os conteúdos musicais, pois os mesmos exigem muito preparo e pesquisa antes da aplicação.

Somente três professoras disseram não possuir dificuldades. Uma justificou dizendo não possuir por causa dos recursos proporcionados pela TV Pendrive. Outra diz ter uma noção razoável de música e uma não justificou. A justificativa da professora que diz não ter dificuldades por causa da “TV Pendrive” é questionável, será que a TV Multimídia pode superar os déficits de formação teórico-prático do professor em relação à música? Reconhece-se a TV Multimídia como um ótimo recurso pedagógico, mas não se pode considerá-la a salvação das aulas de música.

A pesquisa confirma algumas das hipóteses levantadas quanto aos anseios, dificuldades e desafios enfrentados pelos professores de Arte em relação ao ensino da música. Esses professores, assim como a pesquisadora, não tiveram uma

formação adequada para o ensino da música, pois não se pode considerar de boa qualidade uma formação “polivalente” de apenas dois anos de graduação e mais um ano de habilitação. Com exceção de alguns dos professores pesquisados, a maioria se encaixa nesse modelo de formação. Porém, percebe-se que, fundamentados em seus conhecimentos básicos sobre a música, e na coragem de enfrentar esses desafios, os professores procuram desenvolver o trabalho de educação musical, mesmo com certas lacunas, da melhor maneira possível.

2.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES E DIRETRIZES DE ARTE DO PARANÁ

Pelos resultados da análise dos questionários feita anteriormente, percebe-se que os não-especialistas, que se propõem trabalhar alguns dos conteúdos de música, o fazem de forma superficial, pois não se consideram preparados para lidar com o universo sonoro tão complexo. Esse quadro, em parte, é consequência dos cursos de graduação de licenciatura de curta duração em Educação Artística, que formavam em dois anos professores tidos como “polivalentes” e, que não poderiam estar preparados para atuar nas quatro áreas de Arte, principalmente na música.

Confirmando o exposto *Del-Bem* nos diz “Os professores, que antes atuavam em campos específicos, foram solicitados a ensinar, ao mesmo tempo, música, artes plásticas e artes cênicas, assumindo a função de professores polivalentes” (2005, p.66). Para Santos a polivalência privilegia as artes visuais em detrimento das outras áreas, e ainda o autor critica a condução do ensino das artes visuais numa abordagem tecnicista

Um outro agravante nesta condição de polivalência do professor de arte está relacionado ao fato de não raramente, privilegiar atividades que pretensamente trabalham a linguagem visual, ou melhor, as artes plásticas, infeliz herdeira de vários manuais que ensinam trabalhos artesanais com materiais diversos, pinturas em tecidos e desenhos entre outras ações (SANTOS,W., 2007, p.57).

A licenciatura de Educação Artística foi criada para atender uma demanda urgente, gerada pela Lei 5.692/71. As instituições superiores não estavam preparadas, carentes de uma fundamentação teórico-metodológica sólida,

resultando na formação de professores polivalentes, sem bases conceituais e numa tendência tecnicista. Concordando Santos expõe que

A prática polivalente instituída pela Reforma Educacional de 1971 atribuía aos professores de 1º Grau a incumbência de ministrar aulas que abarcassem as artes plásticas, as artes cênicas e a música. No entanto, a formação do professor não atendia à consistência necessária aos saberes exigidos no ensino-aprendizagem da Arte (SANTOS, M., 2006, p.25).

Baseado em Paula (2007) até o ano de 1971 a música se fazia presente nas escolas como disciplina, mas após a Lei 5.692/71 a música o teatro e as artes plásticas passaram a compor a disciplina de Educação Artística. Com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/96) é incluída a dança, como mais uma das áreas da disciplina de Arte. A verdade é que, na prática, há quase uma ausência do trabalho musical em muitas escolas. Mateiro nos aponta diferentes causas para essa situação no cotidiano escolar

- a) nos dois primeiros ciclos do ensino fundamental, a música é ministrada pelo professor generalista, ou seja, aquele professor sem a habilitação específica, por não haver a obrigatoriedade;
- b) o número de professores formados em Educação Artística com habilitação em plástica e desenho superou os formados em música;
- c) o salário dos professores que trabalham em escolas particulares ou em atividades autônomas como regente de coro infantil ou adulto, professor particular de instrumento em conservatórios ou escolas livres de música, são superiores aos salários dos professores da rede pública de ensino (2003, p. 4-5).

A autora reforça o exposto acima e, ainda, traz outros fatores como a não obrigatoriedade do ensino da música nos anos iniciais do ensino fundamental e a desvalorização salarial do professor que afasta os especialistas das instituições públicas. Esses são, até certo ponto, os reflexos da formação oferecida na década de 1970 para atender a Lei 5.692/71, que perduram ainda, em muitas escolas paranaenses, visto que, muitos professores que tiveram essa formação continuam atuando.

Para o conhecimento da formação atual dos professores de Arte, realizou-se um levantamento das matrizes curriculares das Instituições Públicas de Ensino Superior paranaense que oferecem o curso de Arte ou Educação Artística: Universidade Estadual de Londrina (UEL); Universidade Federal do Paraná (UFPR);

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e Faculdade de Artes do Paraná (FAP).

A UEL oferece o curso de Educação Artística com habilitação em Arte Visual e nenhuma carga horária referente à Música consta em sua matriz curricular, ainda oferece o curso de Música com habilitação em Licenciatura e o curso de Artes Cênicas com habilitação em Interpretação Teatral. A UFPR oferta o curso de Educação Artística com habilitações em Artes Plásticas e Desenho e consta em ambas as matrizes das duas habilitações a disciplina – “Linguagem da Música” no primeiro ano de graduação, oferece também o curso de Música com habilitações em Bacharelado e Licenciatura. A UEPG oferece o curso de Licenciatura em Artes Visuais e nenhuma carga horária referente à música em sua matriz, oferta ainda, o curso de Licenciatura em Música. E finalmente a FAP que oferece graduação em todas as linguagens artísticas. Mas, no curso de Licenciatura de Artes Visuais, não aparece carga horária destinada à Música.

Após a análise das matrizes curriculares constatou-se que, com exceção da UFPR que oferece uma disciplina relacionada à Música no seu primeiro ano de graduação, as demais instituições não oferecem carga horária de música em nenhum dos anos de sua graduação. Concordando com Figueiredo

Mesmo quando não existem professores especialistas, várias atividades musicais ocupam espaços na prática pedagógica de muitos professores generalistas. Tais atividades poderiam ser melhor abordadas e desenvolvidas se os professores recebessem formação musical suficiente nos cursos universitários (2004, p.56).

Observa-se que mesmo nas graduações de Licenciaturas que formam professores, somente é vista uma das áreas de arte, havendo uma contradição na cobrança do desempenho profissional, pois a formação é para o específico, no entanto, tem-se que trabalhar nas quatro áreas de arte: Música, Teatro, Artes Visuais e Dança, e os professores não estão sendo preparados para atuar em todas as áreas.

Sem a aspiração do retorno da formação da década de 1970, porém, chama-se a atenção sobre a formação específica do professor de Arte e as contradições sobre as exigências de sua atuação em sala de aula. Percebe-se, portanto, o contrasenso instituído pelo sistema educacional ao formar o professor para o específico, mas exigir atuação para o geral.

Embora nas DCA, não esteja proposto que o professor seja polivalente, mas sim, que deva trabalhar os conhecimentos de sua formação fazendo relações com os conhecimentos das demais áreas de Arte, nota-se ainda, a dificuldade do professor de fazer essa relação de forma consistente, especialmente na área de Música.

Portanto, a capacitação continuada é fundamental para que as propostas das DCA sejam colocadas em prática, para não acontecer o mesmo fato ocorrido com os PCN de Arte, que quando lançados, não foi proporcionado cursos necessários aos professores.

Segundo Penna, alguns conteúdos de música para o 3º e 4º ciclos propostos nos PCN são muito complexos e abrangentes exigindo grande compreensão da linguagem musical por parte do professor e

[...] para ser efetivamente trabalhada, a proposta para este nível de ensino exigiria um professor não apenas habilitado na área específica de música, mas que também dominasse o conhecimento educacional em sentido abrangente, incluindo aí uma ampla gama de alternativas pedagógicas e metodológicas (2001, p. 131).

Analisando os dois documentos percebe-se que grande parte dos objetivos gerais dos PCN (3º e 4º ciclos) coincide com as DCA. Mas, alguns como “[...] procurar a participação em eventos musicais de cultura popular, shows, concertos, festivais, apresentações musicais diversas [...]” (BRASIL, 1998, p.81) estão além da realidade das escolas pertencentes aos pequenos municípios, visto que, os mesmos não oferecem os eventos culturais musicais citados e que somente os grandes centros podem proporcionar. Os PCN ainda sugerem trabalhar com a

[...] improvisação, composição e interpretação com instrumentos musicais, tais como flauta, percussão etc., e/ ou vozes (observando tessitura e questão de muda vocal) fazendo uso de técnicas instrumental e vocal básicas participando de conjuntos instrumental e/ou vocais [...]. (*ibidem*, p.83).

Nota-se que somente um professor especialista poderia dar conta desses conteúdos. Acredita-se que os PCN não foram implementados de forma ampla e consistente nas escolas, pela falta de algumas orientações mais precisas quanto aos objetivos para o desenvolvimento de competências e habilidades, um embasamento teórico-metodológico mais sólido quanto aos conteúdos listados, inadequação às

diversas realidades e falta de mais orientações didáticas específicas em relação às diferentes áreas.

As Diretrizes Curriculares de Arte (DCA) para a Educação Básica do Estado do Paraná são bem fundamentadas, constituídas por uma abordagem histórica da disciplina, seguida dos fundamentos teórico-metodológicos baseados nas teorias críticas de Arte - arte como ideologia, arte como trabalho criador e arte como forma de conhecimento, fundamentados no conhecimento estético e no conhecimento da produção artística. Também foram definidos os conteúdos estruturantes de cada área que compõe a disciplina de Arte, ou seja, artes visuais, música, teatro e dança, além de sugestões metodológicas de cada uma dessas áreas, contemplando a teorização, percepção, apropriação e o trabalho artístico.

E a concepção de conhecimento nas DCA (2008) leva em consideração as dimensões científicas, filosóficas e artísticas, permitindo um trabalho pedagógico direcionado na totalidade do conhecimento sistematizado e sua relação com o cotidiano popular.

De acordo com *Giroux e Simon* “[...] a cultura popular representa não só um contraditório terreno de luta, mas também um importante espaço pedagógico onde são levantadas questões sobre os elementos que organizam a base da subjetividade e da experiência do aluno” (2005, p. 96). Para os autores a cultura é um campo de lutas e conflitos, mas se o currículo está voltado para uma política cultural, torna-se então, um espaço privilegiado de lutas.

2.2 A MÚSICA NA ESCOLA

A música se faz presente desde muito cedo em nossa vida, nascemos num mundo rodeado de sons. Durante a história da humanidade ela esteve presente nas festividades, nos rituais, nos protestos, como uma forma de expressão e comunicação. É usada pelos diferentes grupos humanos das mais variadas formas, como produto natural do homem. Em cada período foi e, é utilizada com uma intenção, seja estética, religiosa ou social. É uma fonte de estímulos, atingindo-nos em todas nossas dimensões, ou seja, sensorial, afetiva, mental, social, fisiológica e espiritual.

Sabe-se que as músicas e danças fazem parte do contexto cultural dos alunos. Portanto é necessário ampliar o seu repertório e universo musical, oportunizando novas experiências e escutas diversificadas, levando-os a refletir sobre as letras, os tipos de coreografias apresentadas e os interesses comerciais das gravadoras e das mídias divulgadoras. Só assim, teremos alunos críticos capazes de perceber a manipulação da indústria cultural e não se iludir pelos modismos.

Na escola temos a oportunidade de questionar e intervir, podendo até superar alguns modelos pré-estabelecidos. De acordo com *Subtil* “A escola não deve competir com a TV, mas travar com ela um jogo dialético. Nesse sentido é importante considerar os aspectos contraditórios da *indústria cultural* como indutora de gosto, mas também socializadora dos objetos musicais” (2007, p. 78, grifo do autor).

A escola deve respeitar a realidade cultural dos alunos, contudo, isso não implica ficar somente nela. Deve-se oferecer novas alternativas, permitir um diálogo com outros contextos culturais e também com a vida cotidiana para que os alunos possam se apropriar e manter uma relação com a música de forma significativa.

Durante os estudos realizados no segundo semestre do ano de 2008 produziu-se, um material didático, voltado para o cotidiano da sala de aula. Trata-se de um conjunto de atividades musicais organizadas para que o aluno através da ludicidade desenvolva a sensibilização musical. As atividades foram construídas de forma a facilitar a aplicação por parte dos professores não-especialistas em música.

As estratégias incluem jogos dramáticos, de improvisação, de percepção e discriminação auditiva, de exploração da voz e do corpo. E ainda, a construção de instrumentos musicais. Acredita-se que estas atividades lúdicas são de suma importância para o desenvolvimento global do aluno. Segundo *Jeandot*, a criança para aprender deve estar estimulada e “a motivação está relacionada com o prazer obtido na atividade e pode ser despertada pelo jogo. O jogo estimula a criança a escutar e a discriminar o som dos instrumentos e os motivos sonoros que se repetem” (*op.cit*,p.62). A respeito da introdução da sensibilização musical, Lino coloca que

A noção do conhecimento em música surge da ação da criança com a música, cuja característica fundamental é o movimento simultâneo e sucessivo de seus elementos (duração, altura, intensidade, timbre).

Assim dentro de um processo ativo e lúdico, a criança poderá construir seu conhecimento musical, quando interagir com os objetos sonoros existentes em seu contexto social. (*op.cit*, p.64)

A autora traz a importância de apresentar à criança os elementos formais da música de uma forma ativa e lúdica. Já a respeito da improvisação, Brito, afirma que “[...] deve ser entendida como uma ferramenta pedagógica importante, que acompanha todo o processo de educação musical” (2003, p.152). Quanto à exploração dos sons vocais, Brito ainda nos aponta como trabalhar

Além de cantar, devemos brincar com a voz, explorando possibilidades sonoras diversas: imitar voz de animais, ruídos, o som das vogais e das consoantes [...], entoar movimentos sonoros (do grave para o agudo e vice-versa), pequenos desenhos melódicos etc. (*ibidem*, p.89).

Lino entende que “trabalhar com a voz é trabalhar com o corpo, uma vez que este é nosso instrumento musical por excelência” (*op.cit*, p.74). Em relação à confecção de instrumentos, Brito diz que

Além de contribuir para o entendimento de questões elementares referentes à produção do som e às suas qualidades, à acústica, ao mecanismo e ao funcionamento [...] a construção de instrumentos, estimula a pesquisa, a imaginação, o planejamento, a organização, a criatividade, sendo, por isso, ótimo meio para desenvolver a capacidade de elaborar e executar projetos (*op.cit*, p.69).

Jeandot aponta a importância de proporcionarmos um ambiente musical em sala onde as crianças possam pesquisar e improvisar. A autora defende que “A utilização de instrumentos construídos por elas mesmas desperta-lhes o desejo de explorá-los musicalmente, isto é, de fazer experiências para obter todas as sonoridades possíveis” (*op.cit*, p.30).

Na fase da sensibilização musical, escutar, ouvir, perceber e sentir são fatores importantes para o conhecimento dos elementos formais da música: altura, intensidade, duração, densidade e timbre, além do conceito de melodia, ritmo, dinâmica, harmonia, forma e pulsação. Sabe-se que, através do estímulo e da experimentação de jogos e atividades rítmicas musicais o aluno desenvolverá a acuidade auditiva, o raciocínio lógico, os sentidos, a intelectualidade, a coordenação motora, a socialização, a integração, a atenção, a concentração, a memória, a imaginação, a criatividade, o senso rítmico, a compreensão, a participação, a

cooperação e a capacidade de análise e seleção. Esses são os objetivos que se pretendia com as atividades musicais propostas.

Implementamos estas atividades no Colégio Estadual “Antonio Carlos Gomes”-Ensino Fundamental e Médio do Município de Nova Santa Bárbara. Os encontros aconteceram uma vez por semana no período matutino. Participaram do projeto 20 alunos das duas turmas de 5ª série do período vespertino. Demonstra-se a seguir o relatório resumido da implementação pedagógica na escola, os conteúdos trabalhados e a recepção dos alunos. As atividades aplicadas compõem a parte IV do Caderno Pedagógico, esse material didático estará disponível a partir do ano de 2010 (dois mil e dez) no Portal Educacional Dia-a-dia Educação do Estado do Paraná.

Primeiro encontro- aplicação de questionário para diagnóstico da realidade e gosto musical dos alunos, seguido de debate a respeito das questões abordadas. Na sequência atividades corporais e vocais com exercícios de aquecimento e relaxamento. Nesse primeiro contato com os alunos a impressão é que a implementação irá dar certo, eles estavam interessados e curiosos;

Segundo encontro- Aplicação de atividades corporais e vocais com exercícios de aquecimento e relaxamento. Em seguida conversamos sobre os sons e ruídos, mostramos exemplos de sons culturais e naturais do cotidiano, depois apresentamos a definição de altura, duração e intensidade, levantamos exemplos e comparações. A próxima atividade proposta foi à audição de canções de ninar de diferentes povos e culturas, com diferentes variações de intensidades, após, conversamos sobre as consequências causadas à audição pela poluição sonora das grandes cidades. Em seguida, ouvimos sequências musicais com variações de alturas sonoras e também diferentes variações de duração, mostrando a relação do ritmo com as pausas e duração. Hoje três alunos não quiseram participar dos exercícios corporais de aquecimento e relaxamento e também das atividades vocais. Mas, nas demais atividades foram receptivos;

Terceiro encontro- conversa sobre as músicas ouvidas no encontro anterior, sobre as diferenças de culturas existentes e o valor dessa cultura para cada povo e o respeito que devemos ter com todas as culturas distintas da nossa. Em seguida aplicação de exercícios de alongamento, aquecimento corporal e aquecimento vocal. Depois brincamos de roda e fórmulas de escolha e, com o intuito de trabalhar na

prática os elementos formais da música como a intensidade, altura, duração e também a melodia, harmonia, ritmo, dinâmica e pausas, foi proposto que fizessem um coral de sons vocais, combinando a forma pelo qual a professora iria reger a orquestra. Na próxima atividade a turma foi dividida em dois grupos, eles sortearam o regente de cada grupo, um grupo foi para outro espaço, combinar os sons e ensaiar para apresentação, o resultado foi satisfatório, pois não foi interferido na escolha dos sons e nem na maneira da regência comandar o coral, deixamos livre para prepararem a apresentação que ficou satisfatória. Para realizar a outra atividade a turma foi dividida em quatro grupos, na qual, cada grupo ficou incumbido de emitir um som diferente - o primeiro grupo, um som com intensidade forte, o segundo com intensidade fraca, o terceiro com uma frequência de altura aguda e o quarto uma frequência grave seguindo nossos comandos. No final das atividades conversamos sobre qual dos corais eles gostaram mais de fazer? Qual foi mais difícil fazer e a razão? E para encerrar propusemos que fosse feito um coral com som de animais, a turma foi dividida em grupos de 4 alunos, cada grupo ficou responsável pela imitação de um som emitido por um animal e, assim foi reforçado novamente os elementos formais: altura, intensidade e a duração. Eles se empolgaram bastante com as atividades propostas, tive que interferir várias vezes para conseguir retomar e conduzir as atividades previstas;

Quarto encontro- atividades de aquecimento vocal. Em seguida apresentamos o conceito de gêneros e formas musicais e nos atemos ao Rock e sua influência nos cantores da Jovem Guarda, explicamos o contexto social e político vivido na época. Depois fizemos à dança das cadeiras, colocamos um CD da Jovem Guarda para eles acompanharem o ritmo musical. Com a intenção de trabalhar as expressões – corporal, gestual e facial, propusemos que representassem através da mímica o que dizia a letra da música apresentada, a turma foi dividida em dois grupos um grupo ficou com a música “Calhambeque” do Roberto e o outro grupo com a música “Pega Ladrão” também do Roberto, foi bem divertido a representação de cada grupo. Na sequência apresentamos slides sobre densidade e timbre. E para trabalhar a discriminação auditiva e fixar a compreensão de timbre, fizemos um exercício de identificação de 21 sons diferentes, fita cassete que compõe o material do Projeto de Correção de Fluxo (PCF). (Paraná, 1998). O próximo exercício aplicado era competitivo, a turma foi dividida em dois grupos e foram vendados os olhos de dois alunos de cada grupo em seguida deixávamos cair objetos no chão e eles tinham

que identificar a fonte sonora produtora do som. Em seguida foi feita a audição da abertura da ópera “O Rapto de Serralho” PCF (Paraná, 1998) de *Mozart* para trabalhar densidade sonora e suas variações. Continuando com a densidade, colocamos outra música completamente diferente da de *Mozart*, refere-se a uma peça essencialmente vocal, de um grupo de habitantes de uma tribo em *Taiwan* chamada *BUNUN*, PCF (Paraná, 1998) para percepção da estruturação e variação de densidade sonora e também dos diferentes timbres vocais. Depois passamos para as atividades de percepção e discriminação auditiva - olhos fechados sentados em círculos ouvir os sons do ambiente - de dentro da sala, de fora da sala. Tentar ouvir os sons naturais e os culturais, descrever os sons ouvidos, conversar sobre os sons escutados em comum, ver quais os sons que conseguiram ouvir mais, se os culturais ou os naturais e a razão da preponderância de um som sobre o outro. Conversamos sobre os lugares e horários na escola que apresentam uma maior densidade sonora e por quê? Levantamos algumas questões - de como será as densidades e intensidades sonoras nos ambientes onde os filhos deles viverão? De como poderemos melhorar a qualidade dos ambientes sonoros em que vivemos? Hoje eles participaram ativamente das atividades propostas e gostaram muito da representação através da mímica;

Quinto encontro- Iniciamos a aula com exercícios de alongamento e aquecimento corporal, em seguida passamos para os exercícios de aquecimento vocal. Realizamos mais atividades envolvendo o timbre, para isso apresentamos dois sons estranhos a nossa cultura, foi pedido para que tentassem identificar e escrever as possíveis fontes sonoras produtoras desses sons. Apresentamos na sequência a música do período da renascença - polifonia vocal, fase harmônica, música religiosa e profana e música instrumental (erudita e profana). Depois ouvimos a obra “O Elefante” de Saint-Saëns, PCF (Paraná, 1998) onde ele procurou representar um animal através de uma escolha tímbrica e os sons que melhor se adequassem à imagem do animal em questão. Pedimos para que tentassem adivinhar de qual animal se tratava e, quais os instrumentos que *Saint-Saëns* utilizou para tentar fazer com que o ouvinte enxergasse por meio dos sons, a imagem do animal. Para vivenciar a pulsação e a dinâmica musical passamos para os jogos dramáticos descritos no Material Pedagógico. Primeiro cantamos normalmente a música folclórica chamada Pirulito, depois bem forte, em seguida bem fraco, lembrando-os que aplicamos diferentes intensidades sonoras nessas duas atividades. Depois que

variássemos o andamento, primeiro cantando bem depressa, em seguida bem devagar. Após as atividades, perguntamos se gostaram de executar a música variando a maneira de cantar? Por que gostaram ou não? A próxima atividade proposta foi para marcarem a pulsação da música, em cada sílaba forte que batessem palmas, cantando bem devagar, depois para que marcassem a pulsação com os pés, em seguida com os pés e as mãos ao mesmo tempo. Dividimos a turma em dois grupos pedimos para um grupo marcar com os pés e o outro com palmas. Tivemos que repetir várias vezes cada atividade até eles conseguirem sincronia grupal, e para finalizar após a realização das atividades, conversamos sobre qual das quatro atividades de marcação foi mais difícil realizar? Qual foi mais fácil? Por quê? Eles gostaram muito de marcar a pulsação da música, no final até montaram uma coreografia de dança para marcar a pulsação;

Sexto encontro- brincadeiras de roda para aquecimento corporal, depois continuamos com os Jogos Dramáticos. E para ter certeza de que entenderam a pulsação, pedimos que escolhessem uma música qualquer e tentasse marcar a pulsação dessa música, eles escolheram o “Cravo e a Rosa” e assim fizemos à marcação. A segunda atividade foi à marcação do desenho rítmico da música “Atirei o Pau no Gato”, primeiro cantamos normalmente a música, depois lemos a música bem devagar, marcando cada sílaba com palmas. Em seguida cantamos normalmente e marcamos com palmas o desenho rítmico, depois bem devagar marcando com os pés. Novamente marcamos com os pés, só que cantando normalmente a música. Após perguntamos se essa marcação foi mais fácil ou mais difícil do que a marcação anterior onde à música foi cantada devagar? E para complicar pedimos para que marcassem com os pés e palmas a música cantada normalmente. A próxima atividade foi à apresentação de algumas músicas étnica, folclórica, popular, criadas pela indústria cultural e erudita, lembrando que dentro de cada classificação, encontramos composições com intenção profana e religiosa. Ouvimos algumas músicas étnicas de povos indígenas, africanos e asiáticos, e também assistimos vídeos de danças folclóricas, depois conversamos sobre as diferenças e semelhanças dessas músicas e sobre a cultura geral desses povos. Quanto ao folclore nacional ouvimos músicas folclóricas infantis e músicas folclóricas paranaense. Assistimos algumas danças folclóricas paranaenses ligadas ao trabalho, ao fandango litorâneo e ao fandango tropeiro. Em seguida falamos sobre o folclore das diversas regiões do Brasil, como os cantos de trabalho das rendeiras do

nordeste, os remeiros do São Francisco, os aboios dos vaqueiros do norte e nordeste e dos pregões dos vendedores ambulantes. Também dos desafios e embolada dos nordestinos, das danças folclóricas de origem portuguesa, africana, indígena e sobre as danças dramáticas de origem européia, africana e indígena. E na religião, os cultos de origem africana como a Umbanda e o Candomblé e de origem européia como as Folias de Reis e do Divino. As crianças pediram para deixá-los reproduzir a coreografia de algumas danças paranaense apresentadas, e assim, encerramos mais um encontro com os alunos executando coreografias de danças folclóricas paranaense. Percebemos que gostaram das danças folclóricas, pois pediram para ensaiar para apresentar para os demais alunos da escola;

Sétimo encontro- dança das cadeiras para aquecimento corporal e atividades vocais. Continuamos com os gêneros musicais, apresentamos a Música Popular Brasileira sua origem, os mais importantes e principais movimentos musicais. Ouvimos músicas de compositores e interpretes mais representativos de cada movimento apresentado, conversamos e discutimos a época e o contexto social, econômico e político em que vivia o Brasil no período da composição dessas músicas, acompanhado de algumas imagens principalmente da década de 60. Depois quiseram cantar algumas músicas e dançar alguns dos ritmos apresentados. Na sequência falamos sobre a invenção do rádio e a grande revolução que causou na história da humanidade e sobre os profissionais envolvidos na montagem, execução e transmissão dos programas de rádio. Conversamos sobre a primeira transmissão de rádio no Brasil realizada no Rio de Janeiro em comemoração aos cem anos da Independência e ouvimos um pequeno trecho da primeira radionovela apresentada em 1941, chamada “Em Busca da Felicidade” escrita por Leandro Blanco e adaptada por Gilberto Martins. Ouvimos um trecho do seriado importado dos Estados Unidos apresentado por Saint Clair Lopes chamado “O Sombra”, depois trechos de um “*Jingle*”, da “Hora da Ginástica”, uma narração esportiva do final da Copa de 1958, “Piadas do Manduca” de Renato Murse, “PRK 30 com Castro Barbosa e Lauro Borges também humorístico”. Em seguida perguntamos sobre quais dos quadros ouvidos existem nos programas de rádio hoje em dia? Quais as diferenças mais marcantes entre os programas atuais e os antigos? Após apresentamos a Música Erudita brasileira e seus principais representantes no Brasil Colônia, Império e República. Ouvimos algumas composições de alguns desses músicos, e fizemos a comparação entre a música popular e seus gêneros ouvidos

anteriormente e a música erudita desses períodos como a música sacra colonial, instrumental para piano, câmara e sinfônica. Após terem ouvido vários gêneros musicais da MPB, houve divergências de gostos entre os alunos, até começou uma pequena discussão, cada um queria defender o estilo musical que gostou mais. Depois que ouviram o trecho da primeira radionovela, pediram para ouvir novamente para depois representar. Tentaram, mas não conseguiram ser fieis e acabaram improvisando o que ficou bem interessante, pois foram bem criativos.

Oitavo encontro- Para aquecimento corporal eles dançaram um Pop Rock trazido pelos mesmos. Em seguida dando sequência ao encontro anterior, conversamos sobre o capitalismo e sua necessidade da indústria cultural, para continuar se mantendo no poder. Colocamos que a cultura passa a ser comercializada e apoiada pelos meios de comunicação. E sua consequência às vezes é a desvalorização, barateamento e descaracterização da cultura em geral, principalmente a música. E, que os produtos lançados pela indústria cultural e destinados à cultura de massa são muitas da vezes, ideológicos e ilusórios, e sua tendência é influenciar e modificar conceitos, comportamentos e gostos. Ouvimos algumas músicas de massas e pedimos para observarem as letras, depois ouvimos algumas músicas da MPB e fizemos à comparação dessas letras, falamos também das coreografias de acompanhamento dessas músicas de massas. Perguntamos o que achavam se eram bonitas, se tinham ou não alguma crítica a fazer. Na sequência apresentamos quatro vídeos: Barbatuques, Grupo Stomp, Uakti e Hermeto Pascoal. Conversamos sobre os vídeos apresentados e qual a opinião deles. Mostramos esses vídeos antes da confecção dos instrumentos musicais, porque assim, eles tomam consciência de que é possível produzir música com materiais diversificados como sucata ou outros objetos não convencionais. Iniciamos a confecção dos instrumentos musicais descrito no Material Didático, eles escolheram os instrumentos que gostariam de fazer e que também, possuíam os materiais reciclados necessários para execução. Alguns dos instrumentos não foram possíveis de terminar, então, levaram para casa para acabar. Percebemos que alguns dos alunos tinham opinião formada a respeito das músicas e danças de massas, outros disseram que nunca haviam prestado atenção nas letras, outros que não entendiam direito as letras. Gostaram dos vídeos apresentados, principalmente dos Barbatuques. Notamos que no momento de construir os instrumentos musicais são muito dependentes, pois solicitavam auxílio o tempo todo, mesmo sabendo como fazer;

Nono encontro- Iniciamos cantando e brincando de roda para aquecimento corporal e vocal. Em seguida apresentamos os conjuntos vocais - pequenos e grandes conjuntos. Quanto à natureza - religiosa, erudita, popular, cívica, folclórica e regional. Conjuntos instrumentais - pequenos e grandes conjuntos. Vimos também, às formas vocais e instrumentais e também os espetáculos musicais. Ouvimos alguns exemplos dos conjuntos instrumentais apresentados, ouvimos um madrigal de Monteverdi, uma sonata de Beethoven, uma fuga de Bach, um canto gregoriano, um estudo de Chopin e uma polifonia de Josquim des Pres do CD que acompanha o livro de Wisnik "O Som e o Sentido" (2005). Assistimos a um vídeo da Orquestra Sinfônica Jovem de São Paulo executando a suíte "Vila Rica" de Camargo Guarnieri toda reestruturada e também um rondó de Bach, executada pela Orquestra Barroca de Amsterdam dirigida pelo maestro Ton Koopman, em seguida conversamos sobre os conteúdos apresentados e as músicas ouvidas. Passamos para outra atividade descrita no material didático, fizemos um cânon simples com a música "Nesta Rua tem um Bosque", eles entenderam rápido o que propusemos e conseguiram realizar a contento a atividade, depois fizemos outro cânon com a música "Peixe Vivo". Em seguida eles propuseram cantar a música "Peixe Vivo" em vários ritmos e formas musicais como Samba, Rap, Rock e Ópera. Através dessa atividade proposta e realizada por eles, pudemos constatar que os ritmos e formas musicais apresentados foram assimilados e diferenciados, gostamos muito da iniciativa de proporem a atividade. Ainda iniciamos mais uma atividade da parte "Percepção e Discriminação Auditiva" descrita no Material Didático, ouvimos sons produzidos por diferentes instrumentos musicais de diferentes culturas. Em seguida pedimos para que tentassem imaginar a forma de cada instrumento que produziu os sons, depois mostramos as imagens dos instrumentos, na sequência pedimos para ouvir o som e ver a imagem do instrumento simultaneamente, ainda pedimos para fecharem os olhos e ouvirem novamente os sons e tentar recordar da imagem do instrumento produtor do som. E para finalizar, solicitamos para que descrevessem a sensação de ouvir um som sabendo qual objeto sonoro é o produtor desse som. E ouvir um som, sem saber qual é o instrumento produtor desse som. Se a segunda audição já conhecendo o objeto produtor do som foi diferente ou não, da primeira audição sem conhecer o instrumento. Para encerrar o encontro colocamos o poema sinfônico "O aprendiz de Feiticeiro" de Paul Dukas PCF (Paraná, 1998) executado por uma

orquestra. Eles acharam interessante o som dos instrumentos que não conheciam. E também gostaram do cânon e do poema sinfônico de *Dukas*.

Décimo encontro- Iniciamos apresentando os instrumentos musicais: corda, sopro, percussão, elétricos e eletrônicos. Vimos às imagens de vários instrumentos estudados e ouvimos o som de alguns deles. Perguntamos se conseguiram perceber as diferenças nos timbres dos instrumentos? E se alguns dos sons produzidos pelo teclado imitando o timbre da flauta transversal, violino e o baixo elétrico parece mais real do que o outro? Mostramos a disposição clássica dos instrumentos musicais na Orquestra Sinfônica, mas também, que essa disposição pode variar de acordo com a forma e o gênero dos instrumentos, às vezes por razões técnicas e, ainda, pela preferência do regente. Passamos para as últimas atividades que fazem parte dos “Jogos de Improvisação” descrita no Material Didático, pedimos que escolhessem um animal e imitassem o som produzido por ele, depois um elemento da natureza, depois que produzissem sons de diversas maneiras, utilizando a voz, corpo, objetos e os instrumentos confeccionados. Para a próxima atividade dividimos a turma em dois grupos e propusemos que criassem uma história sonorizada e improvisada a partir de palavras ditadas. Depois pedimos que criassem uma história onde aparecessem vários instrumentos musicais conhecidos por eles e um do grupo deveria contar a história, enquanto os demais dramatizavam imitando os sons dos instrumentos e os outros sons que fazem parte da história, utilizando os materiais mais apropriados para a imitação dos sons. A próxima atividade foi montar uma banda musical com instrumentos imaginários e fazer a apresentação de uma música escolhida por eles, reproduzindo o som dos instrumentos que compõem a banda utilizando somente o corpo e a voz. Depois em duplas, criar uma sequência rítmica com algum dos instrumentos confeccionados para o companheiro repetir, depois trocar de posição. Ainda em duplas ao som de uma música, um dos alunos criar uma coreografia de dança para seu companheiro imitar depois trocar de posição. Na outra atividade a turma toda de posse de um dos instrumentos deveria imitar a sequência rítmica produzida pelo professor com variações de altura, intensidade e duração. Ainda de posse dos instrumentos confeccionados eles deveriam montar uma orquestra tentando reproduzir o ritmo de uma música conhecida, e também apresentar um coral com uma música somente através do assovio. Para finalizar essa parte, solicitamos que todos sentassem no chão em círculos de posse de um instrumento. Um dos alunos deveria começar o

jogo reproduzindo um trecho rítmico de uma música bem conhecida por todos e, quando acabar virar para o companheiro que deverá repetir o mesmo ritmo e, assim sucessivamente até chegar novamente no primeiro aluno que deveria repetir a sequência ouvida e depois tocar a sequência exatamente como ele tocou a primeira vez. Em seguida conversamos sobre esta atividade perguntamos se o último aluno conseguiu reproduzir a sequência exatamente igual a do primeiro aluno? Perguntamos por que ele não conseguiu e o que faltou para que o último aluno conseguisse reproduzir a mesma sequência? E qual a conclusão que chegaram sobre esse jogo? Depois da conversa fizemos novamente o jogo, que também não deu certo pela falta de atenção de alguns alunos, repetiram mais três vezes até conseguirem. Hoje as atividades em grupo foram meio tumultuadas, alguns queriam impor, outros não aceitavam a imposição, tive que interferir para poder organizar, e fazê-los entender que no trabalho em grupo todos devem opinar e também respeitar a opinião do outro. Até que conseguiram se entender e realizar as atividades propostas. E encerramos com a avaliação do projeto aplicada aos alunos.

Avaliação- os alunos responderam que gostaram muito do projeto que aprenderam muitas coisas diferentes e interessantes sobre a música, e que as brincadeiras eram muito legais. Que gostaram de cantar, dançar, brincar e produzir ritmo musical com a voz e corpo. E que não queriam que acabasse o projeto.

Após a aplicação do Projeto de Implementação Pedagógica na Escola, chega-se à conclusão que o cronograma previsto não foi o suficiente para trabalhar de forma mais significativa à parte destinada aos alunos. Durante a aplicação surgiram novas ideias, os alunos também propuseram outras atividades.

A princípio houve dificuldades em relação à timidez de alguns alunos, mas logo foi solucionado. Outro problema foi em relação ao ciúme, aqueles que se sobressaíam mais, chamavam a atenção dos demais que não tinham facilidade de expressão. Foram várias conversas sobre amizade, comportamento, companheirismo, facilidade de expressão, respeito, entre outros, para conseguir harmonia entre todos.

Um fator importante foi à integração ocorrida com a dança, teatro e as artes visuais, na condução das atividades propostas. Percebe-se que não há como trabalhar somente a música, pois a mesma tem forte relação com as demais áreas de Arte.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado obtido através da análise dos questionários aplicados aos professores de Arte mostra que realmente é um grande desafio a condução do ensino da música, pois os mesmos não tiveram formação necessária para desenvolver um trabalho mais relevante nessa área do conhecimento. A literatura consultada confirma essa dificuldade. Portanto, reforça-se o título do artigo “O Ensino da Música na Escola: desafios para o professor de Arte”.

Não se encontrou na literatura consultada, trabalhos específicos voltados para o segundo segmento (5^a a 8^a) séries, porém, muitos trabalhos relacionados sobre o professor generalista do primeiro segmento (1^a a 4^a) séries e da Educação Infantil, que podem ser adaptados para o segundo segmento.

A pesquisa procurou na revisão de literatura embasamento teórico no enfrentamento da questão do trabalho com a música pelo professor não-especialista. O enfrentamento deste problema possibilitou aprofundamento de aprendizado. É preciso envolvimento, melhoria e transformação da prática pedagógica dos professores de Arte não-especialistas em música para que possam desempenhar com maior eficácia seu papel de possibilitar ao aluno o acesso aos conhecimentos desta área.

Baseado em Queiroz e Marinho (2007) existem professores que ainda acreditam que as aulas de música são focadas no ensino de instrumentos. Essa prática não cabe mais na estrutura das escolas de educação básica atual. Constatase pela pesquisa que se pode trabalhar vários conteúdos musicais sem ater-se à técnica propriamente dita de ensinar a tocar instrumento.

A literatura mostrou que a música é uma importante área do conhecimento, e a mesma traz uma série de benefícios no desenvolvimento do aluno. A proposta de atividades aplicadas na escola não tem a pretensão de formar um músico instrumentista, mas sim a formação dos sentidos da sensibilidade afetiva e sensorial visando um ouvinte sensível ao nosso rico patrimônio musical. Como afirma Brito “A educação musical não deve visar à formação de possíveis músicos do amanhã, mas sim à formação integral das crianças de hoje” (*op.cit*, p.46).

A proposta é de uma educação musical voltada mais para a formação do cidadão, com o objetivo de ampliar a percepção do aluno em várias dimensões:

sonora, corporal, visual, interpessoal e intrapessoal. Com isso, espera-se que o aluno possa entender que através da arte podem-se produzir conhecimentos significativos e transformadores.

Resta esclarecer que, após a pesquisa com os professores, a revisão da literatura, a produção do material didático e a intervenção pedagógica na escola, conclui-se que não se pode fechar a questão norteadora do objeto de estudo.

Neste sentido não se tem o objetivo de esgotar o assunto, mas sim estimular uma reflexão sobre a prática pedagógica do professor, pois se entende que há necessidade de um maior aprofundamento nos estudos relacionados à estruturação e forma de desenvolvimento destes conteúdos no ambiente escolar.

Espera-se que este trabalho possa trazer discussões, envolvimento e a transformação da prática pedagógica na condução do ensino da música, buscando a melhoria do ensino-aprendizagem e a construção de uma escola cada vez mais cidadã. Existem caminhos alternativos possibilitando avanços nessa área que podem contribuir para que os professores de Arte, preocupados com a questão, venham a investigar e pesquisar mais sobre o assunto.

Vale lembrar que a realização desse trabalho só foi possível pela oportunidade oferecida pela Secretaria de Estado da Educação (SEED) e pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI) através do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) em parceria com a Universidade do Norte do Paraná (UENP).

Acredita-se que essa aproximação dos professores da Educação Básica com os do Ensino Superior acarretará mudanças significativas na prática pedagógica dos professores participantes e, conseqüentemente benefícios para a escola pública paranaense. Espera-se que essa inovadora política educacional de capacitação continuada de professores se torne permanente no quadro de ações da SEED.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 5.692/71 - Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus.** Brasília, 1971.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 9.394/96 – Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Arte. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, T. A. de. **Música na Educação Infantil**: propostas para a formação integral da criança. 1. ed. São Paulo: Peirópolis, 2003.

DEL-BEM, L. **Um Estudo com Escolas da Rede Estadual de Educação Básica de Porto Alegre/RS**: subsídios para a elaboração de políticas de educação musical. *Música Hodie*, Goiânia, Vol. 5, n. 2, p.65-89, 2005. Disponível em: <http://www.musicahodie.mus.br/5.2/MH_52_Luciana%20Del.pdf>. Acesso em: 10 de nov.2008.

FIGUEIREDO, S. L. F. de. **A Preparação Musical de Professores Generalistas no Brasil**. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 11, p. 55-61, set. 2004.

GIROUX, H. A.; ROGER S.; **Cultura Popular e Pedagogia Crítica**: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. p. 93-124. In: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. da. (orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

HENTSCHKE L. **Ensino de Música para Todos**. *Jornal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, ano XI, n. 108, p.2, mai. 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/comunicacaosocial/.../pagina2.htm> – > Acesso em: 15 Agos.2009.

JEANDOT, N. **Explorando o Universo da Música**. 3.ed. São Paulo: Scipione, 2008.

KEBACH, P. F. C. **Desenvolvimento Musical**: questão de herança genética ou de construção? *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 17, p. 39-48, set. 2007. Disponível em:http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista17/revista17_artigo4.pdf > Acesso em: 15 Agos. 2009.

LINO, D. L. **Música é...cantar, dançar...e brincar! Ah, tocar também!** In: CUNHA, S. R. V. da, (Org.). *Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança*. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LOUREIRO, A. M. A. **A Educação Musical como Prática Educativa no Cotidiano Escolar**. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n.10, p. 65-74, 2004. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/.../revista10_artigo9.pdf - > Acesso em: 15 Ago.2008.

MATEIRO, T. de A. N. **A Formação Universitária do Professor de Música e as Políticas Educacionais nas Reformas Curriculares**. *Revista do Centro de Educação da UFSM*, Santa Maria, v.28, n.2, p.23-26, 2003.

MOURA, I.C. de.; BOSCARDIN, M.T.T.; ZAGONEL. B. **Musicalizando Crianças**: teoria e prática da educação musical. 1. ed. São Paulo: Ática, 1989.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. **Projeto de Correção de Fluxo 1988:** Artes Plásticas, Teatro, Música. Caderno de Arte v.1-2, Curitiba: SEED, 1998.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação - Superintendência da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica - Arte.** Curitiba: SEED/ DEB, 2008.

PAULA, C. A. de. **A Música no Ensino Médio da Escola Pública do Município de Curitiba:** aproximações e proposições conceituais à realidade concreta. 2007. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007. Disponível em: <http://www.ppgeufpr.pr.gov.br/.../conteudo.php?...106> -> Acesso em: 20 out.2009.

PENNA, M. **Música na Escola:** analisando as propostas dos PCN para o ensino fundamental. In: PENNA, M. *et al.* **É Este o Ensino de Arte que Queremos?:** uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais. João Pessoa: ed. Universitária, 2001. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/pesquisarte/Masters/e_este_o_ensino.pdf->. Acesso em: 10 de out.2008.

QUEIROZ, L. R. S.; MARINHO, V. M. **A Formação Continuada de Professores de Música Frente à Nova Realidade da Educação Musical nas Escolas de João Pessoa.** In: XVII Congresso da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. São Paulo: UNESP, 2007. p. 1-11. Disponível em: [http://anppom.com.br/.../educação musical/edmus_LRSQueiroz_VMMarinho.pdf](http://anppom.com.br/.../educação%20musical/edmus_LRSQueiroz_VMMarinho.pdf)-> Acesso em: 15 Agos.2008.

SANTOS, M. L. dos. **Arte-Educação e Tecnologia no Ensino Médio:** reflexões a partir da proposta triangular. 162 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília - Instituto de Artes. Brasília, 2006. Disponível em: [http://www.biblioteca.universia.net/ficha.do?id=11246806 – 33k](http://www.biblioteca.universia.net/ficha.do?id=11246806-33k) ->. Acesso em: 20 de out. 2008.

SANTOS, W. T. dos. **Educação Musical e Formação de Professores.** Revista científica/ FAP, ISSN/ISBN: 16794915. 2007. Disponível em: <http://www.fapr.br/site/pesquisa/revista/artigos/welingtontavares.pdf>->. Acesso em: 14 de jun. 2008.

SNYDERS, G. **A Escola Pode Ensinar as Alegrias da Música?** Tradução de Maria José do Amaral Ferreira: prefácio à edição brasileira de Maria Felisminda de Rezende e Fusari. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SUBTIL, M. J. D. **Mídias, Músicas e Escola:** a articulação necessária. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 16, p.75-82, mar. 2007.

VÁSQUEZ, A.S. **As Idéias Estéticas de Marx.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

WISNIK, J. M. **O Som e o Sentido:** uma outra história das músicas. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.